

# UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos  
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes  
Janara Sousa  
Ruth Reis  
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



FAC  
LIVROS

# Um grito no ar

*Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais*

---

## **Organizadoras**

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

**Foto Capa** Daniel Castellano (Gazeta do Povo)  
**Agradecimentos** Ângela Alves Machado  
**Diagramação** LaPCom  
**Apoio** Lizely Borges



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB**

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,  
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627  
E-mail: fac@unb.br

**DIRETOR**  
Fernando Oliveira Paulino

**VICE-DIRETORA**  
Liziane Guazina

**CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO**

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e  
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

**CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)**

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard  
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti  
(UFSC).

**CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)**

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo  
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng  
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

**SECRETARIA EDITORIAL**

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica

---

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /  
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.  
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

---

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.  
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>ALEXANDRE MARCELO BUENO.....</b>	<b>9</b>
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
<b>ANA JÚLIA RIBEIRO .....</b>	<b>26</b>
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
<b>ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE .....</b>	<b>30</b>
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
<b>BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE .....</b>	<b>34</b>
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
<b>BRUNELA VINCENZI.....</b>	<b>47</b>
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
<b>CARLA CERQUEIRA.....</b>	<b>52</b>
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
<b>CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO .....</b>	<b>59</b>
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
<b>CICILIA M.KROHLING PERUZZO .....</b>	<b>65</b>
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
<b>CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI .....</b>	<b>71</b>
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
<b>DÁRIO BOSSI.....</b>	<b>76</b>
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
<b>DEOLINDA CARRIZO .....</b>	<b>90</b>
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
<b>EDNA CALABREZ MARTINS.....</b>	<b>94</b>
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
<b>ERIKA CAMPELO.....</b>	<b>108</b>
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
<b>FRANCESCA GARGALLO.....</b>	<b>119</b>
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
<b>FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN .....</b>	<b>134</b>

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
<b>GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO</b> .....	<b>142</b>
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
<b>JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA</b> .....	<b>150</b>
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
<b>JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ</b> .....	<b>157</b>
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
<b>KEILA SIMPSON</b> .....	<b>166</b>
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
<b>LAM MATOS</b> .....	<b>173</b>
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
<b>LYDIA ALPIZAR</b> .....	<b>179</b>
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
<b>MÁRCIO ZONTA</b> .....	<b>193</b>
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
<b>MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA</b> .....	<b>197</b>
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
<b>MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA</b> .....	<b>206</b>
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
<b>MARIA LUCIA LOPES DA SILVA</b> .....	<b>217</b>
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
<b>MARINA POGGI</b> .....	<b>232</b>
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
<b>MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO</b> .....	<b>242</b>
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
<b>MÔNICA CUNHA</b> .....	<b>259</b>
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
<b>OMAR CERRILLO GARNICA</b> .....	<b>265</b>
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
<b>PRISCILA GAMA</b> .....	<b>272</b>
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
<b>RAFAEL FORTES</b> .....	<b>277</b>

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
<b>RENATO JANINE RIBEIRO</b> .....	<b>288</b>
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
<b>ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA</b> .....	<b>298</b>
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
<b>ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA</b> .....	<b>305</b>
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
<b>TÂNIA CRISTINA CRUZ</b> .....	<b>311</b>
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
<b>TÂNIA MARIA SILVEIRA</b> .....	<b>316</b>
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
<b>THIAGO APARECIDO TRINDADE</b> .....	<b>325</b>
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
<b>VAGNER FREITAS</b> .....	<b>337</b>
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
<b>A CAPA</b> .....	<b>342</b>
<b>AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>343</b>

*“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,*

*PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)*

---

*“Movimentos sociais são necessária via de mobilização onde canais que deveriam ecoar nossa voz estão obstruídos”*

---

## MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA

### Trabalho de base e socialização política

Mariana Ferreira Reis<sup>1</sup>

*Num cenário de crise democrática, faz-se necessário compreender o papel das mídias no Brasil e sua relação com os movimentos sociais. Assim, torna-se pertinente um olhar a partir das chaves da Sociologia, da Comunicação e do consumo, tanto para analisar a cobertura da imprensa, em relação aos movimentos, como também, no sentido de avaliar alternativas de resistência e de intervenção na esfera pública, por parte desses grupos. Este é o ponto de partida da nossa reflexão junto a Maria Eduarda da Rocha Mota, professora adjunta da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no Departamento de Sociologia e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Mestre e Doutora em Sociologia (USP), Maria Eduarda é jornalista (Unicap) e cientista social (UFPE) e foi professora visitante na Universidade Paris II (Panthéon-Assas). Sua tese de doutorado, *A Nova retórica do capital: a publicidade brasileira em tempos neoliberais*, conquistou, em 2011, o terceiro lugar no Prêmio Jabuti, na categoria Comunicação.*

---

<sup>1</sup> Jornalista e doutoranda em Comunicação (UFPE). Atuou na sistematização da obra “Democracia, Participação e Movimentos Sociais” (Pnud/Secretaria Geral da Presidência da República, 2014) e na edição do livro “Comunicação e Desenvolvimento: redes de memória” (CEPE, 2016). E-mail: paramarianareis@gmail.com



*Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.*

A profunda crise do sistema de representação política é um fenômeno global. No caso do Brasil, pesquisa recente da CNT mostra como os partidos e o Congresso são instituições com uma credibilidade muito baixa. Desde a década de 1960 que o sistema de representação política vem sendo corroído, aumenta a percepção da distância entre os interesses da sociedade civil e aqueles que deveriam representá-la e é nesse contexto que os movimentos sociais têm importância renovada.

Mas também são movimentos sociais que estão procurando outras formas de mobilização. Se a gente pensar nos fenômenos dos *occupy*, um fenômeno global, é uma tentativa de encontrar uma voz onde canais que deveriam ecoar essa voz não estão funcionando... então se esses canais estão obstruídos, os movimentos sociais passam a ser uma via importante de mobilização. Esse para mim é o elemento mais conjuntural da relação dos movimentos sociais com a política. Eles sempre foram muito importantes e a política nunca se restringiu à política institucional, mas no contexto em que esses canais estão completamente obstruídos, os movimentos sociais são o que há para a gente mostrar o nosso descontentamento. Isso é algo que a gente vê globalmente.

No caso do Brasil, talvez o ápice tenha sido o ciclo de protestos – que não são movimentos sociais – nos quais as pessoas vão às ruas expressar seu descontentamento, desde 2013. Estes foram tão importantes que para muitos analistas marcam o início de uma nova fase de crise do lulismo no Brasil. Ao mesmo tempo em que os movimentos sociais são muito necessários hoje, parte deles sentiu o golpe de ter se distanciado talvez das suas bases durante um ciclo histórico em que suas pautas estavam de certa forma representadas no Estado. Então, isso leva um tempo. Leva um tempo para os movimentos sociais se reorganizarem. A única exceção me parece ser os movimentos feministas que, pelo contrário, vêm crescendo, alcançando cada vez mais esferas e ganhando cada vez mais adesão. Se a gente pensar o que era uma pessoa se declarar feminista há 10 anos – o tipo de reação que isso causaria, a aversão que causava essa rubrica – e hoje em dia é reconhecida a necessidade de problematizar as relações de gênero. Não é uma questão da esquerda apenas. Mesmo mulheres que não têm essas inclinações políticas, muitas vezes percebem essa questão da dominação de gênero e querem se posicionar a respeito.

Então, eu acho que a gente vive um ciclo muito complexo de certa desmobilização, cooptação pelo Estado no ciclo lulista, e também uma necessidade urgente de participação. Talvez a onda dos ciclos de protestos que a gente tem visto no Brasil a partir de 2013 seja um sintoma dessa nova ânsia de participação política. O que é de certa forma trágico é que simultaneamente precisamos reinventar os instrumentos e reinventá-los para ontem, pois vivemos um momento de retirada de direitos muito grave no país, ao mesmo tempo em que os instrumentos de

participação política estão sendo mais esvaziados, inclusive os movimentos sociais mais tradicionais, eles nunca foram tão necessários.

*Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.*

Existem diferenças marcantes entre os veículos. Eu gosto muito de uma sociologia da opinião pública que Pierre Bourdieu faz e inspira, que pensa os veículos a partir da função que eles ocupam dentro do mercado: a qual público leitor esses veículos se destinam? Em função do público leitor ao qual eles se destinam, guardam diferenças ideológicas importantes. A gente pode pensar no contraste entre o *Estadão*, que se autodeclara liberal, a *Carta Capital*, que se autodeclara de esquerda e um veículo como a *Folha de S. Paulo* que quer construir uma visão pluralista, mas que, na verdade, tem suas opiniões... Isso é até slogan da Folha: “a Folha tem suas opiniões, mas publica opiniões de pessoas que têm outra visão”.

Eu fiz um estudo recente, em 2014, no contexto de uma grande pesquisa sobre o crack no Brasil, eu estudei o crack em São Paulo (pesquisa coordenada por Jessé Souza, no tempo em que ele era presidente do IPEA). A pesquisa mostrava claramente que, naquele momento, a *Folha de S. Paulo* tentava repercutir certa pluralidade de visões a respeito do crack. Uma primeira coisa que eu preciso dizer é que a grande questão para a *Folha*, para o público da *Folha*, não era o crack, era a Cracolândia.

Diferentemente do alcoolismo, em que as pessoas tentam se destruir de uma forma mais privada, vamos dizer assim, no caso do crack as pessoas ficam ali, *atrapalhando a rua*, atrapalhando essa relação que as elites queriam reconstruir com o centro de São Paulo, os novos equipamentos culturais. Você vai para a Sala Júlio Prestes, superchique, pensando em sair para jantar depois e estão aquelas pessoas ali lembrando que São Paulo não é a metrópole de primeiro mundo que você gostaria que fosse. Então tinha um elemento no caso da Folha que era indubitável: a assunção da necessidade de tirar aquelas pessoas da rua. A diferença se estabelecia entre a maneira como essas pessoas iam ser *varridas* do centro. Se iam ser retiradas via repressão policial ou por medidas mais sanitárias, tipo internamento compulsório, ou se iam ser retiradas com programas como o do [ex-prefeito] Haddad, o *De Braços Abertos*, que era um programa que pensava essa questão da reeducação para o trabalho etc.

Então, havia, sim, as diferenças ideológicas trazidas nesse debate que a *Folha* fazia, mas essas diferenças se completavam a partir de certo patamar de senso, de que aquelas pessoas não podiam ficar ali. Então é um pluralismo muito questionável também: até os limites do dizível. Todos os jornais vão ter os seus limites do dizível, o ponto a partir do qual aquilo ali é silenciado, aquilo não pode mais ser dito. Então não se podia dizer ali que o problema era tirar aquelas pessoas do centro. Isso era uma coisa que não podia ser assumida nem pela *Folha* nem pelo seu

público, principalmente, a parcela mais progressista. Uma coisa curiosa: esta parcela estava encolhendo e crescia uma parcela de leitores conservadores. Então, a *Folha* vai se reposicionando conforme seu público leitor também vai se reposicionando, de maneira a tentar manter essas afinidades.

*De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.*

Eu penso especialmente sobre o MST, que sofre uma campanha sistemática de desqualificação. Mas isso não se restringe ao MST. Eu posso falar a partir de uma outra pesquisa que eu fiz recentemente sobre a narrativa do golpe no *Jornal Nacional*. Eu peguei cinco edições do *Jornal Nacional* muito importantes – a da condução coercitiva de Lula; da votação [do impeachment] na Câmara; a da primeira votação no Senado; a da divulgação do grampo telefônico entre Lula e Dilma e a do afastamento definitivo de Dilma no Senado. Dessas cinco edições eu posso estabelecer um comparativo com os movimentos sociais – e que já havia sido comprovado em outros estudos – que é o da deslegitimação da política.

Essa pegada moralista, ou *moralizadora*, tem como consequência a deslegitimação da política, podendo levar ao que alguns analistas chamam de *cinismo político*. Quer dizer, leitores e espectadores, de tanto ouvir falar que “política é o reino da corrupção”, acabam dando as costas à política, acabam se desvinculando desse assunto, como se esse não fosse um assunto relevante. Se a gente for pensar, é o que está acontecendo no Brasil hoje, em que o Congresso faz o que quer, com o respaldo da grande mídia e que, quando tentamos fazer uma análise crítica, a resposta é: “Ah, política é tudo a mesma coisa, por que você vai defender um dos lados...” E é aí que eu chego ao ponto: é como se a visão de quem vai defender os direitos coletivos fosse a visão de um dos lados.

Marx já dizia – e foi uma das conclusões importantes desse estudo sobre o *JN* – que a ideologia funciona pela universalização. Significa dizer que a ideologia funciona num momento em que determinada classe social, controla os meios de produção simbólicos, entre os quais os meios de comunicação, mas também a escola, os partidos, elementos que vão interferir naquilo que Gramsci chama de *hegemonia*, o controle dos aparelhos privados de hegemonia, como ele chamava.

Esse controle permite à classe dominante apresentar os seus interesses como se fossem os interesses de todo mundo, o interesse da sociedade como um todo. Quando a gente vê, por exemplo, um trabalhador pobre no Brasil hoje defendendo a reforma trabalhista ou a reforma da aposentadoria, a ideologia fez seu trabalho, porque conseguiu fazer com que ele aderisse a uma visão de mundo que é contrária a seus interesses. A questão toda é que um dos lados da disputa não aparece como um dos lados da disputa, um dos lados aparece como verdade absoluta.

Isso ficou muito claro na análise que eu fiz do *JN*: “Dilma defendia o PT [ou o governo, ou seu mandato]”. A oposição “defendia o Brasil”. É claro que o processo é mais complexo – eu mostro isso no artigo que escrevi –, é quase como se fosse um balaio de gatos, uma briga no jardim da infância entre governo e oposição, dentro da qual o STF aparecia como a professora apaziguadora que vinha botar ordem nas coisas. Enfim, uma relação muito perigosa que é a moderação do Judiciário, que vai favorecer a judicialização da política. Esse é outro debate que a gente não vai ver na imprensa.

Então, o que acontece é que os movimentos sociais vão aparecer com um certo particularismo. Se por um lado os interesses dessa minoria conseguem se universalizar, ser apresentados como interesse do brasileiro – vamos lembrar que as cores do golpe foram verde e amarelo, há uma captura, portanto, da própria simbologia ligada à nação – na outra ponta, estão os de vermelho, aqueles que estão lutando pelos seus privilégios... A reforma trabalhista é apresentada como se a grande questão fosse a retirada do imposto sindical, como se os sindicatos estivessem reclamando a perda da sua fonte de financiamento, a sua *boquinha*... é assim que os movimentos sociais vêm sendo retratados, como se fossem grupos que defendessem privilégios.

Eu quero dizer também que uma parte dos movimentos sociais, ao silenciarem, ao assumirem uma postura mais apática durante o período lulista, e por causa da burocratização de muitos sindicatos brasileiros, criando uma cisão entre a base e a cúpula, muito nociva do ponto de vista dos instrumentos de participação, então há um grau de responsabilidade também dessas próprias forças contestadoras, de talvez não serem o espaço de participação que elas deveriam ser, em muitos casos. Mas o fato é que, nesse contexto, os movimentos sociais nunca foram tão necessários. O que a gente está vendo no Brasil é o desmonte sistemático dos direitos coletivos apresentados como sendo, pelo contrário, a defesa da maioria; a retirada de um direito sendo vendida, alardeada, como se fosse a preservação desse direito. Esse é um processo que é muito caro à ideologia, o processo de inversão – a ideologia costuma inverter as coisas. E no caso dos movimentos sociais, que deveriam defender os direitos da maioria, são apresentados como o extremo do particularismo.

Isso é o que diz o discurso da criminalização: você não só tem um lado, mas esse lado é criminoso. Porque há uma aura e, como diz Bourdieu, o Estado antes de qualquer coisa é a monopolização do capital simbólico. Muitas vezes a história da formação do Estado moderno é vista como a crescente monopolização do poder de coletar impostos ou a crescente monopolização do poder de impor a lei. Ou seja, a dimensão fiscal e militar da centralização do Estado costuma ser destacada, mas Bourdieu vai lá e diz: olha, tem uma dimensão que de certa maneira justifica essas outras duas, que é a crescente monopolização do capital simbólico. O Estado vai aparecer no debate público como sendo o debate do universal. Então, o promotor, o juiz, eles não têm um lado, em princípio. O STF não tem um lado. Do ponto de vista da imagem que se constrói em torno dessas instituições, são instituições que capturaram o universal, capturaram o poder de falar em nome do universal.

Bourdieu vai explicar como isso historicamente acontece. Não interessa aqui a gente retomar, mas o importante é pensar o quanto essas instituições precisam ser objeto de uma crítica sistemática. O quanto a gente precisa entender que o Judiciário é composto por indivíduos que têm uma determinada origem de classe, uma determinada trajetória social, uma determinada visão de mundo. Mas o problema da dominação simbólica é justamente o fato de que uns podem se apresentar falando em nome de todos. E os outros são sempre os partidários, os que não têm neutralidade, os que não têm imparcialidade. Inclusive o jornalismo, se a gente for pensar, a imagem que é construída do jornalista é a imagem de alguém que está em defesa do bem comum. Mas o jornalista também tem uma origem social, também tem uma trajetória. E mais: o jornalista trabalha numa empresa privada, então é o instrumento de defesa dos interesses dessa empresa privada, no mais das vezes.

É, portanto, então, necessário – e esse é um pouco do projeto de Bourdieu – reencarnar essas instituições, trazê-las de volta para um lugar determinado, mas como num lugar determinado, essas pessoas têm interesses específicos tanto quanto os sindicalistas, tanto quanto os movimentos sociais. Pelo contrário, se a gente for pensar, se é para falar em nome do universal, quem deveria falar seriam aqueles que reivindicam os direitos da maioria. Qualquer grita contra esse desmonte de direitos que está acontecendo no Brasil é tachado de petismo. Essa também é uma operação ideológica. As pessoas têm dificuldade de ir a uma manifestação mesmo sendo contra a reforma da previdência porque se sentem defendendo o PT. Ora, a questão é: se o PT não é mais o representante desses direitos da coletividade – a gente pode debater se é ou não é – então a gente precisa encontrar outros instrumentos de representação. Acontece que não vamos abrir mão dos direitos da coletividade, dos direitos da maioria porque as formas de representação desses direitos, de alguma forma, nos trouxeram a essa situação. Mas esse é outro tema que você não vai ver na grande imprensa. O que você vai ver é a cobertura do dia 28 de abril [de 2017, Greve Geral] que, para mim, é emblemática: “Cinquenta manifestantes fecharam a rodovia”. “Sindicalistas protestaram...” *Sindicalistas* significa dizer: é um lado, é uma parte, são interesses particulares, é um privilégio... Não estão defendendo o povo. Há uma disputa semântica aí em torno da ideia de “nação”, em torno do interesse do povo brasileiro. Uma disputa semântica em que aqueles que defendem os direitos da maioria já saíram perdendo.

*Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?*

Como dizia antes, há, sim, diferenças ideológicas importantes entre os veículos, mas eu acho que uma das principais raízes da tragédia que a gente está vivendo no Brasil hoje é justamente o fato de que há um discurso muito uníssono, há uma espécie de alinhamento ideológico muito claro entre os principais grupos de comunicação no país. Eventualmente, esse alinhamento não era tão

necessário quanto se tornou agora. Os veículos têm um problema claro, que é de apoiar o projeto político de desmonte de direitos, porque os seus empresários, seus proprietários fazem parte da minoria que investe em títulos da dívida pública, que aplicam no mercado financeiro, então o Estado para eles precisa ser reformado para garantir a rentabilidade do capital financeiro... Então nesse momento é muito importante barrar discussões que levantassem suspeitas de que esse é um projeto político da minoria.

Uma questão fundamental é a tematização da corrupção, que é muito seletiva, emerge do debate público sempre em função de certos governos, não é uma preocupação onipresente da imprensa brasileira em combater a corrupção, muito pelo contrário. E o tema da corrupção aparece numa chave moralista que, na verdade, é um problema de caráter e não um problema endêmico do sistema político brasileiro. Porque se você colocar como um problema coletivo, endêmico da política brasileira, essa relação pornográfica entre capital privado e Estado, que se estabelece desde o regime militar, com o surgimento das grandes empreiteiras e tudo o mais, isso significa você pautar também o debate sobre a reforma política, que é algo que você não vê. Se você for levar a sério esse debate você vai ter que chegar ao tema da reforma política.

Por exemplo, a proposta do financiamento público de campanha, que permitiria a gente recolocar a relação capital privado x Estado em outras bases, para que os políticos deixassem de ser meras marionetes do grande capital financeiro através dos grandes grupos econômicos que o controlam, no Brasil. Então, um elemento da Sociologia que os estudos de Jornalismo têm usado muito é o conceito de enquadramento, de Goffman, que basicamente diz o seguinte: o enquadramento é a chave para a pergunta “o que é que está acontecendo aqui”? Dizer que a corrupção é um problema de caráter dos indivíduos desvia a atenção de outras questões que seriam importantíssimas para superar o tratamento do tema. Você despolariza e moraliza e, além disso, trata de uma forma muito seletiva porque, obviamente, o PT não inventou a corrupção no sistema político brasileiro, mas há uma necessidade por parte dos grandes grupos de comunicação de reiterar essa impressão, de que o Brasil na verdade está quebrado porque o PT transformou o Brasil no país da roubalheira, quando na verdade todos esses elementos estruturais da corrupção se perdem no meio desse afã de simplesmente criminalizar um grupo político, um partido, um movimento, e todos aqueles que são seus aliados, dentro e fora do espectro político.

*Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.*

O que os movimentos sociais nunca poderão abrir mão e, se abrirem mão disso, precisam reconstruir o mais rápido possível, é o trabalho de base, um trabalho de educação de base. Todo movimento social é um processo de socialização política. E esse processo de socialização política

precisa ser um processo continuado, de debate, de crítica e de autocrítica. Então esse debate plural, o espaço do dissenso, que eu cobrava, da grande imprensa, de certa forma tem que ser parte da nossa própria formação como sujeitos políticos. A gente tem que estar aberto para dialogar com diferentes visões e ao mesmo tempo fazer disso um processo educativo, formativo, nos seus espaços de base.

A gente sabe a força que a Igreja Católica tem, a importância da tomada de posição de uma parte expressiva da Igreja a favor das manifestações e contra as reformas. Uma das coisas fundamentais que esse aprendizado traz para a gente é a importância desse trabalho de base. A convivência, as relações de confiança estabelecidas em grupo são elementos muito importantes no processo de formação de opinião. Isso pode explicar por que 30% da população brasileira ainda não aderiu a essa visão monocórdica a respeito das reformas. Porque justamente ainda há forças sociais se movimentando e essas forças sociais encontram elementos na realidade das pessoas. O discurso tem que fazer frente ao que é uma experiência direta das pessoas.

Todo movimento social é um movimento de educação, em certa medida, é um processo de formação humana. E essa dimensão tem que ser supervalorizada cada vez mais. Agora, paralelamente a isso, tem que aprender com quem faz comunicação. Tem que se aproximar dos poucos instrumentos discordantes que a gente tem nesse contexto. A gente vai ter que ocupar os espaços que existem, disputá-los e criar novos espaços. A pauta da democratização da mídia precisa ser a pauta de todos os movimentos sociais porque todos sentem o peso desse processo de criminalização.

### *Qual a importância da comunicação pública e da mídia independente na produção de narrativas em contraposição às mídias tradicionais?*

Esses meios nunca foram tão necessários. Um dos erros muito graves do PT foi não ter feito a reforma política, outro erro muito grave foi não ter enfrentado a questão da democratização da mídia. Apostou até certo ponto na construção de um sistema público de comunicação que rapidamente pôde ser silenciado. Isso é um aprendizado para todos nós. Deveria ficar claro para todos os movimentos sociais progressistas no Brasil que o tema da democratização da mídia é um tema de todos eles, não é um tema só do *Coletivo Interozes*, do *FNDC* [Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação]<sup>2</sup>. É um tema estratégico para todo e qualquer movimento social progressista no Brasil.

Retomar essa bandeira da democratização da mídia é uma questão urgente. Claro que a gente não deve esperar até lá para buscar as nossas formas de expressão. A gente tem o jornalismo independente desempenhando um papel importantíssimo, mas é importante que se diga: uma

---

2 Nota da Autora: Movimentos nacionais de defesa da liberdade de expressão e pelo direito à comunicação.

parcela grande da população brasileira ainda assiste o Jornal Nacional. Então são lutas que são complementares. A gente precisa produzir conteúdo alternativo, e é isso que a gente tem tentado fazer no *Programa Fora da Curva*<sup>3</sup>, produzir um jornalismo crítico, que traga elementos que estão fora da pauta ou que, pelo contrário, às vezes são enquadrados de uma maneira muito enviesada, e a gente vai trazer uma visão alternativa sobre esses fatos, sobre essas mesmas questões.

Porque simplesmente isso foi silenciado. Se o leitor quiser ter um sintoma do quanto o jornalismo brasileiro da mídia corporativa tem conseguido produzir consenso, veja a dificuldade que a gente tem para utilizar a palavra *golpe*. Veja o tipo de censura e até mesmo de autocensura que a gente sofre por tentar usar essa palavra. Existe um efeito de conformidade aí que, em parte, explica uma intolerância crescente em relação às bandeiras progressistas. Porque as pessoas não estão sendo confrontadas com uma visão alternativa a respeito das coisas. Então quando emerge uma fagulha de um contra discurso, isso precisa ser extinto, combatido, intolerado. Eu acho que isso é muito danoso. E uma parte dos que sentem um cheiro de protofascismo no Brasil argumenta justamente o pouco espaço para a dissonância, para o dissenso, que a gente vê na mídia brasileira hoje. Quando o discurso do sindicalista já é enquadrado como a defesa da *boquinha*, contrário ao grande interesse nacional; quando essa voz uníssona da nação parece que se impõe como uma voz conservadora a calar qualquer outra possibilidade de contra discurso, de visão alternativa.

*No âmbito mais local, vivenciou-se, em Pernambuco, mais recentemente, o Movimento Ocupe Estelita. Quais os aprendizados desta experiência, especialmente, no campo da comunicação?*

O Estelita foi uma experiência muito interessante do ponto de vista de política de comunicação porque, apesar de ter a presença de diversos setores ligados a movimentos populares, com a temática moradia popular, o Estelita surgiu da convergência de vários profissionais com alto capital cultural, aquilo que Bourdieu chamaria de “a fração dominada da classe dominante”, que são basicamente artistas e intelectuais. O Estelita contou, por exemplo, com a participação expressiva de muitos urbanistas, de muitos advogados especialistas em direito urbano, cineastas importantes do campo audiovisual pernambucano e de jornalistas. Cada um ia trazendo seu conhecimento específico como ponto de construção ou de conquista de capital político.

No caso do jornalismo, houve uma feliz coincidência que foi a Copa de 2014. O movimento surge quando da iniciativa da demolição dos armazéns do cais. Já havia uma resistência da área ao consórcio privado que queria construir 12 torres de 40 andares, já havia essa resistência nos conselhos da cidade, mas o Estelita ganha um corpo, um lugar, ou seja, essa experiência se

---

3 Nota da Autora: Programa jornalístico realizado pelo Departamento de Comunicação e pelo Departamento de Sociologia da UFPE como projeto de extensão, em parceria com movimentos sociais e organizações da sociedade civil. O programa é veiculado ao vivo, diariamente, pela Rádio Universitária FM.



potencializa quando há a tentativa de derrubar os armazéns na calada da noite e um ativista testemunha, convoca pelas redes sociais e monta-se um acampamento. Nesse contexto, especificamente, estava a preparação para a Copa do Mundo de 2014, então a gente contava com muitas TVs, muitos jornalistas do mundo todo no Recife. Houve, então, um trabalho sistemático de vários jornalistas e uma das piadas que se contava na ocasião era que o Estelita havia sido pautado pela *Al Jazeera* [TV internacional] e ainda não havia sido pautado pelo *Jornal do Commercio* [veículo impresso de abrangência estadual]. Então a primeira estratégia da imprensa local foi invisibilizar o Estelita, que é uma das estratégias possíveis. Quando não foi mais possível invisibilizar, colocou-se, de novo, o viés da criminalização pelo particularismo. O direito à cidade, que é um direito coletivo por definição, passou, na visão da imprensa local, a ser defendido por um bando de *filhinho de papai*, maconheiros, perversos, vagabundos... Esse tipo de argumento a gente ouvia com frequência na imprensa local. Às vezes de uma forma mais eufemizada, mais sutil, de outras vezes, de uma forma mais escancarada.

É claro que houve brechas aqui e ali porque quem trabalha com comunicação mais diretamente sabe que há muitos profissionais que não concordam com as inclinações políticas do veículo onde trabalham e eventualmente conseguem uma brecha. Mas via de regra a cobertura foi criminalizadora. Isso faz parte desse enquadramento particular, não é a verdade na sua pureza, pois ela não existe, a gente desistiu de alcançá-la desde a década de 1950. Se a ciência entendeu que todo discurso é situado socialmente, o jornalismo tem que entender também. Não há a possibilidade de um discurso que seja desencarnado, de um indivíduo que paire acima do espaço social, que não tenha interesse, que não tenha uma visão de mundo, que não tenha um histórico, uma biografia.

No caso do Estelita, trabalhava-se muito nessa chave de que eram pessoas que não tinham o que fazer, que procuravam baderna, confusão. Mas aí a gente conseguiu matérias positivas na imprensa internacional, como a BBC, o El País... e aí a partir da quebra do silêncio na imprensa internacional, pautou-se no [portal] G1 uma matéria nacional, enquanto a Rede Globo local não pautava... Então a partir da quebra do silêncio internacionalmente, localmente não dava mais pra fingir que o Estelita não aconteceu. Foi nesse momento que a gente viu toda a estratégia da criminalização. No momento, estou orientando uma dissertação de mestrado sobre a cobertura local do Movimento Ocupe Estelita e estou ansiosa para ver mais de perto os resultados que a gente vai colher.

*Nesse sentido, há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.*

Na disputa em torno do golpe em 2016, houve um momento em que setores da esquerda fizeram um levantamento de quantas manchetes favoráveis ou contrárias ao golpe a imprensa internacional tinha dado, inclusive nomeando de golpe: *Le Monde*, *New York Times*... O que é visível é que esses mesmos processos de cerceamento da pluralidade do debate, da convivência com o dissenso, acontecem também em âmbito internacional, a gente não pode ter ilusões. Mas parece que lá fora – isso é só uma impressão, porque infelizmente eu não tenho nenhum dado de pesquisa para mostrar isso – os mecanismos de controle sobre a imprensa são mais eficazes. Por exemplo, o *Le Monde* fez um editorial favorável ao golpe e aí vários brasileiros e intelectuais franceses que conheciam mais de perto a realidade brasileira escreveram para o jornal se posicionando e o *Le Monde* reviu a sua posição. No caso do Brasil, o máximo que a gente tem é uma nota lida na voz de William Bonner [*âncora do JN*] de que a “Rede Globo se atém à defesa dos interesses dos brasileiros, etc.”, como aconteceu no dia da condução coercitiva de Lula, que analisei no trabalho a que me referi anteriormente.

No Brasil, como a concentração, o monopólio da mídia atinge patamares absurdos do ponto de vista do oligopólio de mídia, esse efeito de caixa de ressonância de um veículo em relação ao outro é quase claustrofóbico. Você tem poucas válvulas de escape produzindo o contradiscurso no debate público brasileiro hoje. É claro, há a Internet, que é algo que deve ser levado em consideração, mas é fato que a rede social torna mais problemático o controle do processo de formação de opinião. Mas a Internet também circula dentro de certos meios. Apesar de ter crescido muito na última década, e há dados do Comitê Gestor da Internet (CGI) sobre isso, esse tipo de uso da Internet para se informar e na busca de canais independentes é restrito a uma certa parcela da população. Então, a gente precisa fazer de tudo para quebrar a redoma e nesse sentido foi importante, sim, a atuação da mídia internacional, levou a necessidade de algumas explicações a mais por parte da mídia local. Estou falando de países que são democracias mais ou menos consolidadas, mas mesmo lá fora existem processos de intervenção na vida política por grandes meios de comunicação.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

**PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)**



Universidade de Brasília

